

A pressão com crédito não é necessária, diz Banco de Boston

por Jane Filipon
de Porto Alegre

O presidente do Banco de Boston, Henrique de Campos Meirelles, concorda que a não renovação das linhas de crédito comercial e interbancário poderia ser usada como forma de pressão dos credores internacionais do Brasil. Ele, porém, não vê necessidade disso.

A falta de um acordo entre o Brasil, o Fundo Monetário Internacional (FMI) e os credores deixaria todas as partes prejudicadas. Admite, no entanto, ser bastante complexo este processo de renegociação da dívida externa brasileira. "Mas nem por isso apenas o Brasil terá de ceder", analisa Meirelles, que aposta num "final feliz".

Meirelles reconhece as razões do governo brasileiro em buscar uma maior liberdade de ação no entendimento futuro com o FMI, mas considera difícil o FMI abrir mão de um acompanhamento mais de perto da economia brasileira. Ele destacou a experiência de negociadores do ministro Dilson Funaro e do presidente do Banco Central (BC), Fernando Bracher.

"A grande questão é que os saldos comerciais elevados têm custado muito aos brasileiros, que o País precisa de dinheiro novo e que o FMI e os credores têm seus próprios interesses." Na dívida externa brasileira avaliada em mais de US\$ 100 bilhões, a parcela



Henrique de Campos
Meirelles

do Banco de Boston não excede US\$ 300 milhões. "Por decisão filosófica, nossas operações sempre são maiores na moeda local, em cada país onde atuamos."

CRÉDITO

Meirelles confirmou que está crescendo o mercado paralelo de crédito (operações de empréstimos entre empresas, sem o sistema bancário), conforme já afirmara, na quinta-feira passada, o presidente da Associação Nacional dos Bancos de Investimento (Anbid), Ronaldo Cezar Coelho. "As empresas estão usando o mercado paralelo para transferências de recursos para fugir da grande taxa existente no sistema financeiro." A alternativa é válida, mas, na sua opinião, as opera-

ções são de muita ineficiência, uma vez que o mercado financeiro tem muito melhores condições de reciclar recursos.

A provável ampliação do Banco Mundial ou a criação de uma outra instituição financeira internacional, capaz de tirar a rede privada de operações de financiamentos de cunho social ou mesmo emergencial, poderá ter êxito. "Não sei se deveria haver a criação de um superbanco, mas uma maior participação dos governos dos países credores no refinanciamento de suas dívidas seria positiva."

DÍVIDA

Caberiam à rede privada, na sua opinião, os financiamentos comerciais. "Na recente reunião em Seul, surgiu a idéia do Banco

Mundial expandido, com o objetivo de tirar a discussão da dívida externa da área privada e jogar para uma área multilateral entre governos."

Nestes termos, o interesse maior seria dos bancos. "A grande dúvida é saber se os governos dos países credores estarão dispostos a bancar uma expansão da dívida."

Quanto à possibilidade de o BC alterar critérios da concessão de cartas patentes e com isso trazer algum benefício aos bancos estrangeiros, Meirelles nada espera.

Apesar de considerar que uma participação dos bancos estrangeiros aumentaria a eficiência do sistema financeiro, Meirelles lembra que há reserva de mercado nessa área.